

# XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano  
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO  
Araraquara-SP - Brasil

---

BRINQUEDO DE MIRITI: TRABALHO E CULTURA PARA A VALORIZAÇÃO DA  
BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA.

**Bruno Rodrigo Carvalho Domingues** (UFPA) - brunodomingues1995@hotmail.com  
*Estudante de Economia/Bolsista de Iniciação Científica do NCADR/UFPA*

**Gilvando Souza Silveira** (UFPA) - gilcap20@gmail.com  
*Estudante de Licenciatura e Bacharelado em Geografia/Bolsista de Extensão NCADR- UFPA*

## Brinquedo de Miriti: trabalho e cultura para a valorização da biodiversidade amazônica.

### Resumo

O Brinquedo de Miriti é um tipo de artesanato típico do município de Abaetetuba, no Estado do Pará. Este artesanato revela o cotidiano e a maneira de ver o mundo de seus agentes, revela a beleza e importância da biodiversidade amazônica e representa formas de autonomia e melhoramento econômico para os artesãos, o brinquedo possui grande relação com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, manifestação profano-religiosa da capital paraense, durante os períodos de festa, há aumento dos rendimentos e aumento da divulgação e com isso o despertar maior da valorização dos brinquedos, entender como se dá este processo de valorização e de autonomia dos artesãos são os objetivos do artigo.

### Resumo Expandido

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa “Memórias e Diásporas dos Artesãos de Brinquedos de Miriti da Amazônia” que tem por objetivo caracterizar as transformações entre os atores deste tipo de artesanato, transformações estas que ocorrem no âmbito econômico, social, cultural e político. Como metodologia, utilizamos técnicas de história oral (Meihy e Holanda, 2007), de etnografia (Clifford, 2011) e de economia ecológica (Cavalcanti, 2004), bem como pesquisas de campo no Miriti Fest (Festival do Miriti) em Abaetetuba, Pará.

Abaetetuba é um município de uma região do Pará denominada Baixo Tocantins, localizada há 52,48 km de Belém, capital do Estado. O município é conhecido por seus engenhos de cachaça do passado, além do forte vínculo com o miritizeiro (*Mauritia flexuosa*), de onde tudo é aproveitado, as relações dos nativos com a palmeira é eivada de relações econômicas, sociais e culturais. Estas relações podem ser explicitadas na produção artesanal do brinquedo de miriti, o amazônida adentra a mata em busca da matéria prima de sua arte, a “bucha” da árvore, que fica encoberta por talas que são retiradas e

colocadas para secar, não podendo ter contato com umidade. Dado este passo, o artesão realiza o corte e a modelagem do brinquedo, este procedimento é, comumente, feito por homens, em especial o “chefe” da família. Em seguida, é realizado o lixamento e a pintura do brinquedo, atividade comumente realizada pelas mulheres e filhos dos artesãos. Sendo assim, percebe-se a divisão social do trabalho presente na produção do artesanato, além das relações entre o homem e o meio natural que reforçam o caráter de que o homem submete a natureza, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, domina a natureza (ENGELS, 1883), mas demonstra também, que além do caráter de dominação do homem para com o meio natural, há uma relação dialética entre homem e natureza, portanto, este usa dela para enaltecer a cultura amazônica e valorizar a biodiversidade desta região.

Economicamente, o brinquedo de miriti fomenta o turismo no município de Abaetetuba, principalmente em períodos de Miriti Fest, festival tradicional da cidade, que acontece anualmente na Praça da Bandeira, fator percebido em pesquisas de campo durante o evento. O brinquedo, assim como o mingau, como exposto por BARROS e SILVA (2013), “É uma atividade que mobiliza uma forte rede de colaboração”, isso por que, além dos fatores inerentes ao processo de produção do brinquedo, citados acima, gera emprego informal para aqueles que vendem nos stands dos eventos, gera contribuição para a associação dos artesãos, que além do estabelecimento de mensalidade, define taxas por evento.

O brinquedo de miriti possui caráter de emancipação dos seus atores, através dele, famílias inteiras retiram seu sustento, com a comercialização do brinquedo, compram suas casas, seus meios de transporte, formam seus filhos, como diz Dona Pacheco:

“Tudo que eu tenho dentro de casa veio do miriti! Minha casa, televisão que cada pessoa tem uma, minha geladeira, tudo, tudo em casa veio do miriti, formei meu filhos, uma tá se formando agora em técnica em enfermagem, um se forma agora na polícia, duas são professoras, outra tá morando em fortaleza, é soldadora...” – Dona Pacheco, Artesã.

Dona Pacheco é uma artesã experiente, 63 anos de idade, onde em 25 deles se empenha na produção do brinquedo, cuidou de seus dez filhos, ajudou a educar quatorze netos e dois bisnetos, ao lado de seu marido começou a produzir o brinquedo por achar que poderia e deveria melhorar de vida. Antes do brinquedo, lavava roupas e realizava outros trabalhos para obter renda. O brinquedo foi o instrumento de independência que a artesã precisava, é através dele que a biodiversidade amazônica é transformada e é levada para o mundo.

Ademais, é incontestável a importância do brinquedo no sentido de transformar a realidade social de seus atores, o miriti é uma “palmeira santa”, que alimenta o ribeirinho, que o protege em suas embarcações, como percebemos ao detectar a presença de coletes salva-vidas revertidos por buchas de miriti no festival do ano de 2015, o miriti leva e enaltece a cultura amazônica para o mundo, através da exportação de seus brinquedos, o miriti é uma “palmeira mãe” que cuida, que protege, que educa e o homem tradicional é o conectivo entre trabalho e meio natural.

#### Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, C. V. Uma tentativa de caracterização da economia ecológica. São Paulo: Ambiente e Sociedade – Vol. VII nº 1; 2004.

CLIFFORD, J. A experiência etnológica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 4ª edição; 2011.

MEIHY, J. C. S. B e HOLANDA, F. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 1ª edição, 176p; 2007.

ENGELS, F. Humanização do Macaco pelo Trabalho *in*: A Dialética da Natureza, 1883.

BARROS, F. B; SILVA, D. Os mingauleiros de miriti: trabalho, sociabilidade e consumo na Beira de Abaetetuba – Pará. Teresina, Revista FSA, v. 10, n. 4; 55p; 2013.